

MIROSLAV MILOVIC: PROFESSOR DA DIFERENÇA

Thayse Edith Coimbra Sampaio¹

Os textos abaixo correspondem à transcrição de duas falas da autora em homenagens ao professor Miroslav Milovic. Em um primeiro momento, reproduz-se a participação em documentário sobre a vida e a obra de Milovic, destacando a virtude do homenageado em ensinar. Na parte final, translada-se ao papel uma comunicação realizada em Colóquio dedicado ao professor Miroslav. O eixo de discussão dessa última transcrição corresponde à obra “Comunidade da Diferença”, de Miroslav Milovic.

TRANSCRIÇÃO DO MEU DEPOIMENTO NO DOCUMENTÁRIO “MIROSLAV MILOVIC: VIDA E OBRA”

Olá, eu sou a Thayse Edith Coimbra Sampaio, fui aluna e orientanda do professor Miroslav Milovic, no Programa de Pós-Graduação em Direito, na Universidade de Brasília, entre os anos de 2019 e 2021. O meu primeiro contato com o Miro [professor Miroslav] foi através do Miro pensador, do Miro intelectual. Em especial, por meio de um dos seus textos, chamado “Políticas do Messianismo: algumas reflexões entre Agamben e Derrida”.

Apesar de essa leitura ter me animado bastante naquela ocasião [durante o mestrado em direito na Universidade Federal de Sergipe], eu só pude adquirir um entendimento completo dela ao conhecer presencialmente o Miro professor. Por quê? Porque existe uma estreita conexão entre essas duas imagens do Miro, o professor e o pensador/o filósofo. A sala de aula era um ambiente que potencializava o seu pensamento e, sobre essa outra natureza do Miro, o Miro professor, venho conversar com vocês nesse momento. Tentei reunir alguns elementos que permitem entender o Miro docente.

O primeiro elemento corresponde à generosidade. Suas aulas eram janelas abertas para mundos. Não apenas para entender o mundo existente, um mundo infelizmente contaminado pela despolitização, mas que encorajam-nos a conhecer

¹ Doutoranda em Direito (UnB). Bolsista CAPES. Mestra em Direito (UFS). Advogada inscrita na OAB/AL. Bacharela em Direito (Uneal). E-mail: thayseedith@hotmail.com.

os mundos que existiram, como o cristão e o grego. Elas eram, sobretudo, janelas abertas para o porvir, para as alternativas do mundo. Afinal, reuniam duas condições importantes, o agir político e o pensar.

O segundo elemento consiste na não repetição. O Miro costumava ofertar disciplinas semestralmente, na graduação e na pós-graduação da UnB, e ele jamais repetia o mesmo plano de ensino. As vezes, ele preservava algumas leituras, consideradas fundamentais para entender determinados pontos, como por exemplo, a Modernidade, a Tradição, etc. Todavia, ele sempre buscava acrescer; incrementar novas leituras. Leituras que ele, em particular, estava realizando, como também aquelas que os seus orientandos efetuavam para as pesquisas de graduação, de mestrado e de doutorado.

Outro elemento corresponde ao Miro incansável. Sim, incansável. Incansável porque ele nutria uma paixão verdadeira; uma paixão honesta com a sala de aula. Um dos aspectos que ajuda a perceber essa disposição corresponde ao fato de ter sido um excelente ouvinte dos seus alunos; a escuta era sua forma de acolhimento. O Miro adorava as intervenções que surgiam em sala da aula. Elas demonstravam certos movimentos que aconteciam naquele ambiente. Como era bonito perceber que a sala de aula era um ambiente móvel, que se deslocava de acordo com os pontos de interesse de cada discente seu! Mais um elemento que permite entender o Miro professor consiste naquele que rompe com o modelo disciplinar.

Alguns hábitos seus em sala de aula confirmavam esse diagnóstico. Por exemplo, ele não gostava de ambientes que se assemelhassem a um auditório; ele dificilmente ocupava a mesa e a cadeira reservadas ao professor. Miro permanecia boa parte do seu tempo de aula em pé, em alguns casos descolava a cadeira do professor para alguma posição que buscasse demonstrar a presença da horizontalidade naquele lugar. Ademais, os trabalhos que o Miro orientou são pesquisas que conservam em si certa rebeldia ao poder normalizador, ao poder disciplinar. Em minha opinião, essas são características que dizem bastante sobre o perfil do Miro.

E, por fim, o último elemento, o Miro como ponto de encontro. Sim, as aulas do Miro possibilitavam afetos alegres! Reencontrávamos vários amigos. As amizades que foram possíveis construir no semestre anterior a partir do intenso convívio obtido[amizade e filosofia reunidas. Sempre em par. Sempre pressupondo uma relação com o Outro.]. Busco finalizar novamente, mas dessa vez eu deixo um

recado para aqueles que desejam conhecer o Miro professor. A recomendação de leitura de um dos seus livros, “Política e Metafísica”. Penso ser essa a obra do Miro que mais permite identificar esse espaço comum, que ele buscava a todo instante assegurar, a sala de aula. Obrigada!!!

TRANSCRIÇÃO DA MINHA PARTICIPAÇÃO NO COLÓQUIO “MIROSLAV MILOVIC”

Primeiro, eu quero cumprimentar a todas e todos. Boa tarde! Eu gostaria de agradecer ao convite do grupo Gteia - da Universidade Federal do Ceará (UFC), em especial aos professores Flavio, Rose Dayanne, Jane e Nara Rejane. Quero também saudar a quem nos assiste pelo YouTube. Bem, eu imagino que todos e todas, que estão aqui nessa roda de conversa, falam sobre não apenas um intelectual, mas um amigo. Ou ainda, para quem foi seu aluno ou sua aluna, orientando ou orientanda, uma figura paterna. E eu sigo um pouco esse sentimento durante a minha explanação.

Conheci o professor Miro, inicialmente, através da leitura. Recordo que tinha concluído um artigo dele, chamado Políticas do Messianismo, e aquela leitura me impressionou bastante. Finalmente, eu tinha conhecido, ainda que exclusivamente mediante a escrita, alguém que compreendia bem as minhas desconfiças para com o Direito. Fui provocada, sobretudo, por um recado que se faz presente nesse artigo. Por que o outro não aparece na maioria das Declarações de Direitos? Por que o outro constantemente aparece como destinatário das normas, não como autor? Acabei causando tanto barulho entre os meus colegas devido a esse texto que, posteriormente, surgiu a oportunidade de convidá-lo para vir à Universidade Federal de Sergipe (UFS), onde eu estava naquele exato momento.

Ouvi-lo pessoalmente, foi ainda mais especial que o contato anterior, a leitura. Depois, eu optei em escolher a UnB, em grande parte, motivada pelas pesquisas do professor Miro. Ali, tive o privilégio de ser sua aluna e sua orientanda de doutorado. Foram na UnB onde conheci os seus demais projetos. O projeto sobre a Comunidade da Diferença e, mais recentemente, o projeto Direito como Potência, bem como a sua experiência anterior com a Filosofia da Comunicação. No que diz respeito ao livro que é objeto de nossa conversa, a Comunidade da Diferença, penso que essa obra está reunida em 4 (quatro) momentos. O primeiro momento

corresponde à publicação de livro, em 2004. O segundo momento desponta em um artigo que o professor Miro publica em 2006, denominado “Utopia da Diferença”.

O terceiro momento consiste em uma obra que ele participa como organizador, “Sociedade e Diferença”, também publicada em 2006. E o quarto momento, o Direito como Potência. Nesse ponto, vocês podem supor: Ora Thayse, mas diferença nem aparece no título desse último projeto. Por que incluí-lo em um quarto momento dessa análise? No último projeto, o professor estava buscando estabelecer algumas condições para pensarmos a diferença no Direito. Logo, suspeito que não um ocorre um abandono ao projeto anterior, Comunidade da Diferença.

A minha posição é a de que ele estava tematizando a diferença ainda mais. O livro “Comunidade da Diferença” corresponde a uma crítica à Modernidade, ou melhor, uma crítica à subjetividade moderna. Ele inicia debatendo a constituição do sujeito moderno. Parece-me curioso iniciar esse debate com Hegel. Pois, ele não inicia esse debate com Kant. Embora Kant também fale sobre o sujeito. Na sequência, o professor Miro irá apontar a crise da Modernidade. Ele percebe que mesmo a Modernidade falando sobre liberdade, dizendo afirmar a liberdade, ninguém efetivamente se sente livre.

Além disso, Miro menciona que o consenso esconde o dissenso. Há na modernidade um monólogo. Apenas um sujeito fala, manifesta-se. Dito isso, acredito que o Miro era um ante-moderno, mas não necessariamente um anti-moderno. Por quê? Observem, [...] quando ele inicia o projeto o Direito como Potência, ele retoma alguns autores que estão em certo limiar, digamos, ali, no começo da Modernidade. Ele volta a Paulo de Tarso e a Espinosa. Miro suspeitava que nesse último pudéssemos encontrar outra experiência Moderna. Em um primeiro instante, pode parecer confuso, como elaborar uma crítica à modernidade, sendo ante-moderno, mas não anti-moderno?

Eu suponho que o Miro não descartava nenhuma possibilidade para a mudança, por isso essa escolha. No mesmo livro, ele antecipa as consequências de um pensamento que permanece como repetição. Usando emprestada a expressão do professor Romero, ele percebe os sinais dessa Modernidade. Os sinais que o Miro apontam nessa obra são dois: a colonização e a dominação.

No entanto, esse é também um livro para pensar as saídas, as alternativas. Tanto é que a diferença em Miro aparece sob dois caminhos filosóficos, com

Foucault e Deleuze (o primeiro) e com Lévinas e Derrida (o segundo). Isso sem deixar, é claro, de propor seu próprio caminho; de ser original ao falar sobre caminhos da diferença na filosofia ocidental. Por sua vez, o livro “Sociedade e Diferença” comunica não apenas pela palavra escrita, mas sensivelmente. Existem registros públicos, em vídeos, dessa obra.

A organização do livro é interessantíssima. O livro interessa não apenas pelas características brevemente listadas, mas porque nele o professor Miro comporta-se mais como ouvinte do que como autor. Ele elabora o prefácio do livro e ajuda na organização. Alunos e membros do seu grupo de pesquisa são os autores da obra. O artigo “Utopia da Diferença” parece indicar um Miro que articula a diferença como utopia. Não se enganem com o título! Ele corresponde a uma publicação na qual podemos extrair a sua conceituação sobre diferença.

Posto isso, a obra “Comunidade da diferença” inaugura uma nova fase do seu pensamento. Talvez, seja precipitado afirmar que ele foi um autor de fases. No entanto, existe ali um instante onde ele rompe com a filosofia da comunicação. A partir daí ele inicia novas trajetórias filosóficas. A meu ver, nessa publicação a sua originalidade atinge o ápice; radicaliza-se. Ali, tem-se ainda um excelente convite para os seus projetos posteriores. Por derradeiro, essa obra auxilia na identificação do método miroslaviano. Uma busca incansável por novas linhas de fuga. Miro foi um pensador preocupado em não encerrar os seus projetos. Ele possui uma natural disposição para aberturas teóricas e práticas.

Portanto, o professor Miroslav foi um nômade no pensamento filosófico e político. Sim. Isso repercute na minha maneira de pensar, sob sua orientação acabei tornando-me uma nômade, ou melhor, uma retirante para o ato de aprender. Miro percorreu muitos lugares do pensamento. Contudo, ele jamais abandonou por completo as geografias que conheceu durante a vida. Com uma habilidade única, o professor Miro reunia todas elas. Ele não desejava territorializar essas geografias. Miro percorria-as para dar continuidade aos diálogos inicialmente travados com diferentes interlocutores. Assim, o professor Miro semeou o terreno da sua filosofia, um plano conceitual que envolve a Potência, a Diferença, a Comunidade, os Outros, etc.

